

GRAÇA & VERDADE

COLEÇÃO DOUTRINAS BÍBLICAS



VOLUME 1

Fundamentos da Fé

A Bíblia, Deus e o Homem

As Sagradas Escrituras, os atributos de Deus, a Trindade, a criação do homem, a queda e a lei divina.

Sumário

1	As Sagradas Escrituras: Inspiração, Autoridade e Inerrância da Bíblia	BIBLIOLOGIA
2	Como Estudar a Bíblia: Um Guia Prático	BIBLIOLOGIA
3	Sobre Deus: A Existência, os Atributos e as Obras do Supremo Criador	TEOLOGIA
4	A Santíssima Trindade: Um Só Deus em Três Pessoas Distintas	TEOLOGIA
5	O Homem e o Pecado: A Criação à Imagem de Deus e a Queda da Humanidade	ANTROPOLOGIA
6	As Criaturas Espirituais: Anjos e Demônios à Luz das Escrituras	ANTROPOLOGIA
7	A Lei e os Dez Mandamentos: Origem Divina, Função e Transitoriedade à Luz das Escrituras	BIBLIOLOGIA

SOBRE ESTE E-BOOK

Este material é gratuito

Todos os artigos deste volume estão publicados de graça em **gracaeverdade.online**, e continuarão assim. Não há assinatura, não há versão paga, não há catraca.

Se este material te ajudou no seu estudo das Escrituras, você pode sustentar esse trabalho com qualquer valor. É isso que mantém o site no ar e as publicações saindo toda semana.

APOIE PELO PIX



3d67a292-56c0-4b81-8ed3-8
c45faddaf09

PARA CONTINUAR

Artigos novos

gracaeverdade.online/blog

Versículo do dia no seu e-mail

gracaeverdade.online

Apoiar o projeto

gracaeverdade.online/apoie

Livros que recomendamos

gracaeverdade.online/loja

Os links para a livraria neste e-book e no site são links de associado da Amazon. Como Associado da Amazon, o Graça & Verdade ganha com compras qualificadas, sem custo extra para você.

As Sagradas Escrituras: Inspiração, Autoridade e Inerrância da Bíblia

Graça & Verdade · 7 de setembro de 2026 · 12 min de leitura

Este artigo examina a doutrina das Sagradas Escrituras à luz da própria Bíblia (Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, abordando a revelação divina, a inspiração verbal e plenária, a autoridade, a inerrância e a infalibilidade, o cânon de 66 livros, a suficiência, a permanência e o poder da Palavra de Deus, bem como os critérios para a sua correta interpretação.

"Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Timóteo 3:16). Este versículo sintetiza a doutrina que fundamenta todas as demais: a Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e suficiente para guiar o homem em toda a verdade. Antes de se estudar qualquer doutrina — a salvação, o batismo, a ceia, a igreja ou a volta de Cristo —, é necessário responder a uma pergunta anterior: qual é a fonte de autoridade que sustenta tudo o que cremos e praticamos? Para o cristão assembleiano, a resposta é inequívoca: as Sagradas Escrituras.

A **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**, em seu Capítulo I, inicia afirmando que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, "única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo, escrita para a humanidade". Trata-se, portanto, de um livro singular — de origem divina, de autoridade absoluta e de valor permanente. Este artigo examina, à luz das próprias Escrituras, a natureza, a origem, a autoridade, a estrutura e o propósito da Palavra de Deus, demonstrando por que ela constitui a única regra de fé e prática do cristão.

A Bíblia como Revelação Escrita de Deus

Deus, sendo invisível e infinito, tomou a iniciativa de revelar-se ao homem. A Escritura ensina que essa revelação ocorreu de modo progressivo e culminou em Cristo: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho" (Hebreus 1:1-2). A Bíblia é o registro inspirado dessa revelação — o único documento escrito que Deus concedeu à humanidade. O apóstolo João declara a respeito do Verbo: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1), identificando o próprio Cristo como a Palavra encarnada, da qual a Palavra escrita testifica.

A Declaração de Fé esclarece que são dois os propósitos das Escrituras: revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade. Pelo primeiro, Deus manifesta quem Ele é; pelo segundo, torna conhecido o seu plano redentor, cujo centro é Jesus Cristo. Assim, tudo o que o homem

precisa saber sobre Deus e sobre a redenção está suficientemente revelado na Palavra, sem necessidade de acréscimo ou de nova revelação.

A Inspiração Divina das Escrituras

A inspiração é o ato sobrenatural pelo qual Deus moveu homens santos a escreverem, sem erro, aquilo que Ele determinou. O texto bíblico afirma: "Toda a Escritura é divinamente inspirada" (2 Timóteo 3:16). O termo grego original — *theópneustos* — significa literalmente "soprada por Deus": assim como o sopro dá vida ao corpo, o Espírito Santo deu vida e origem às Escrituras. O apóstolo Pedro acrescenta que "a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:21).

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus adota a inspiração verbal e plenária. Deus guiou os escritores de tal modo que as próprias palavras empregadas — e não apenas as ideias — foram dirigidas pelo Espírito, sem anular, contudo, a personalidade, a cultura e o estilo de cada autor. Cada escritor foi um instrumento de Deus, e não uma máquina; por isso a Bíblia apresenta a marca dos seus autores humanos e, ao mesmo tempo, a unidade de um único Autor divino. Não há livro mais inspirado ou menos inspirado: todos possuem o mesmo grau de inspiração e de autoridade.

A Autoridade das Escrituras

Por ser a Palavra de Deus, a Bíblia possui autoridade absoluta sobre a fé e a conduta do crente. Ela é a única regra de fé e prática, conforme a exortação do profeta: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles" (Isaías 8:20). Nenhuma tradição, instituição ou experiência humana pode sobrepor-se à Escritura. O próprio Jesus censurou os religiosos que invalidavam a Palavra em favor de tradições humanas (Marcos 7:13), demonstrando que a autoridade da Bíblia está acima de qualquer costume.

Jesus afirmou que "a Escritura não pode ser anulada" (João 10:35), reconhecendo-a como autoridade inquestionável e final. Para o cristão, a Bíblia é o tribunal supremo diante do qual toda doutrina, prática e experiência deve ser provada. A Declaração de Fé resume essa verdade ao declarar a Bíblia como única regra de fé e prática do assembleiano, reafirmando que nada deve ser aceito que não esteja em conformidade com o seu ensino.

Inerrância e Infalibilidade da Bíblia

A Bíblia é inerrante: não contém erro em tudo o que afirma, pois foi inspirada pelo Deus que não pode mentir. O salmista declara: "A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos símplices" (Salmo 19:7). Agur confessa: "Toda a Palavra de Deus

é pura; escudo é para os que confiam nele" (Provérbios 30:5). A inerrância refere-se aos escritos originais, tal como foram produzidos pelos autores sagrados, pois Deus os preservou de todo erro naquilo que registraram.

A Bíblia é igualmente infalível: não falha em seu propósito de revelar a Deus, conduzir o homem à salvação e instruí-lo em toda boa obra. Na oração sacerdotal, Jesus rogou: "Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17). A Declaração de Fé a descreve como "a inerrante, completa e infalível Palavra de Deus". Desse modo, a Escritura é verdadeira em tudo o que afirma e plenamente confiável para guiar o crente em todas as áreas da vida.

O Cânon das Escrituras: os 66 Livros

A palavra "cânon" significa régua ou medida, e designa o conjunto dos livros que a Igreja reconhece como inspirados por Deus. As Assembleias de Deus adotam o Cânon Protestante, composto por 66 livros, divididos em duas grandes partes. O Antigo Testamento contém 39 livros, escritos antes de Cristo e organizados em quatro grupos: a Lei (Gênesis a Deuteronômio), os Históricos (Josué a Ester), os Poéticos (Jó a Cantares) e os Proféticos (Isaías a Malaquias). O Novo Testamento contém 27 livros, escritos depois da morte e ressurreição de Cristo, igualmente em quatro grupos: os Evangelhos (Mateus a João), o Histórico (Atos), as Epístolas (Romanos a Judas) e a Revelação (Apocalipse).

Esses livros foram produzidos ao longo de aproximadamente 1.600 anos, por cerca de 40 escritores de culturas, épocas e lugares distintos. No entanto, essa diversidade não comprometeu a unidade das Escrituras; ao contrário, ela evidencia um único Autor divino. Moisés recebeu a ordem de escrever (Êxodo 34:27); Jeremias registrou as palavras que o Senhor lhe ditou (Jeremias 36:1-2); e João, já no fim do primeiro século, escreveu as coisas que lhe foram reveladas (Apocalipse 1:19). A Bíblia é, portanto, uma obra única em sua origem, em sua coerência e em sua mensagem.

A Suficiência e a Permanência da Palavra

A Escritura é suficiente: contém tudo o que é necessário para a salvação e para a vida piedosa. Paulo afirma que ela é "proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (2 Timóteo 3:16-17). Por essa razão, o crente não depende de revelações extraordinárias, sonhos ou tradições para conhecer a vontade de Deus: ela já foi plenamente revelada na Palavra.

A Palavra de Deus é também permanente e imutável. O profeta Isaías declara: "Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente" (Isaías 40:8). O salmista acrescenta: "Para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu" (Salmo 119:89). E Jesus

garantiu: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar" (Mateus 24:35). Em um mundo de mudanças, a Bíblia permanece como o fundamento estável e eterno sobre o qual o crente edifica a sua vida.

O Poder e a Eficácia da Palavra

A Bíblia não é uma palavra morta, mas viva e transformadora. O autor de Hebreus descreve que "a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hebreus 4:12). Jeremias a compara a "fogo" e a "martelo que esmiúça a pedra" (Jeremias 23:29), ilustrando a sua capacidade de aquecer, purificar e quebrantar o coração mais endurecido.

A Palavra é também a arma do crente na batalha espiritual: Paulo a chama de "a espada do Espírito" (Efésios 6:17). O próprio Jesus, quando tentado no deserto, não recorreu ao seu poder sobrenatural, mas ao que está escrito, repetindo por três vezes: "Está escrito" (Mateus 4:4,7,10) — e assim venceu o adversário. Além disso, é pela Palavra que o pecador é regenerado, pois fomos "de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" (1 Pedro 1:23).

Os Livros Apócrifos e Pseudoepígrafos

As Assembleias de Deus não reconhecem autoridade espiritual nos livros apócrifos, chamados pelos católicos romanos de deuterocanônicos, nem nos pseudoepígrafos. Os apócrifos — palavra que significa "escondido" — apresentam erros históricos e geográficos, anacronismos e doutrinas contrárias às Escrituras inspiradas, como a oração pelos mortos. Os pseudoepígrafos — "falso escrito" — foram produzidos por autores anônimos que atribuíram indevidamente seus escritos a profetas e apóstolos.

Jesus referiu-se às Escrituras do seu tempo dizendo que convinha que se cumprisse "tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos" (Lucas 24:44), confirmando a divisão tripartida da Bíblia hebraica, na qual os livros apócrifos jamais estiveram incluídos. A própria Escritura adverte contra o acréscimo de palavras estranhas ao seu conteúdo: "Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela" (Deuteronômio 4:2); "Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso" (Provérbios 30:6). O cânon, portanto, está encerrado e selado.

A Correta Interpretação das Escrituras

A Bíblia deve ser interpretada com reverência e sob a orientação do Espírito Santo, observando as regras gramaticais e o contexto histórico e literário de cada passagem. Pedro adverte que "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação" (2 Pedro 1:20), o que significa que

nenhum texto deve ser isolado ou torcido para atender a opiniões particulares. As coisas de Deus, afirma Paulo, "se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14), razão pela qual a interpretação bíblica exige oração, humildade e submissão ao próprio texto.

A chave hermenêutica de toda a Escritura é Cristo. Jesus disse: "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam" (João 5:39). Toda a Bíblia — Lei, Profetas e Escritos — aponta para Ele (Lucas 24:44). Além disso, a Escritura interpreta a própria Escritura: as passagens mais claras esclarecem as mais difíceis, e nenhuma doutrina deve ser edificada sobre um único versículo isolado, mas sobre o testemunho conjunto da Palavra. Por fim, nada deve ser acrescentado ou retirado do texto sagrado (Apocalipse 22:18-19), conservando-se íntegra a Palavra de Deus.

Para o estudo diário, uma Bíblia de estudo com notas e introduções a cada livro ajuda a situar cada passagem no seu contexto — como a **Bíblia de Estudo ACF**.

Conclusão

À luz da própria Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, as Sagradas Escrituras se apresentam como a única revelação escrita de Deus à humanidade; inspiradas verbal e plenariamente pelo Espírito Santo; de autoridade absoluta como única regra de fé e prática; inerrantes e infalíveis em tudo o que afirmam; constituídas por um cânon de 66 livros de origem e mensagem divinas; suficientes, permanentes e poderosas para salvar, ensinar e transformar; e passíveis de correta interpretação somente sob a luz do próprio texto, tendo Cristo como centro.

Sendo a Palavra de Deus viva e eterna, cabe ao crente amá-la, estudá-la, obedecer-lhe e proclamá-la com fidelidade. Que ela seja, para cada assembleiano, o que o salmista declarou: "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho" (Salmo 119:105), até que venha o dia em que veremos face a face Aquele de quem toda a Escritura testifica: Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Deuteronômio 4.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 19; 119.
- BÍBLIA. A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Provérbios 30.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 8; 40.
- BÍBLIA. A. T. Jeremias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Jeremias 23; 36.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 4; 24.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 24.

- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 1; 5; 10; 17.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 2.
- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 6.
- BÍBLIA. N. T. 2 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Timóteo 3.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 1; 4.
- BÍBLIA. N. T. 1 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Pedro 1.
- BÍBLIA. N. T. 2 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Pedro 1.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 1; 22.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo I: Sobre as Sagradas Escrituras.

Como Estudar a Bíblia: Um Guia Prático

Graça & Verdade · 3 de junho de 2026 · 2 min de leitura

Métodos práticos para estudar as Escrituras de forma eficaz, incluindo abordagens temáticas, por livro e devocional.

Por Que Estudar a Bíblia?

A Bíblia é a Palavra de Deus, viva e eficaz (Hebreus 4:12). Estudá-la não é apenas um dever religioso, mas um privilégio — é conhecer o coração de Deus revelado nas Escrituras.

O salmista declarou: *"Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho"* (Salmos 119:105).

Métodos de Estudo

1. Método Devocional (SOAP)

- **Scripture:** Leia a passagem
- **Observation:** O que o texto diz?
- **Application:** Como isso se aplica à minha vida?
- **Prayer:** Ore sobre o que aprendeu

2. Método por Livro

Escolha um livro da Bíblia e estude-o inteiro:

- Leia o livro todo de uma vez (contexto geral)
- Estude capítulo por capítulo
- Anote temas recorrentes, palavras-chave e estrutura

3. Método Temático

Escolha um tema (graça, fé, oração) e estude todas as passagens relacionadas usando uma concordância bíblica.

4. Método Indutivo

- **Observação:** O que o texto diz?

- **Interpretação:** O que o texto significa?
- **Aplicação:** O que devo fazer?

Para o método por livro, *Através da Bíblia Livro por Livro*, de Myer Pearlman, é uma introdução clássica a cada um dos livros da Bíblia.

Ferramentas Úteis

- *Bíblia de estudo com comentários*
- Concordância bíblica
- Dicionário bíblico
- Caderno de anotações
- Aplicativos como YouVersion e Blue Letter Bible

Princípios Importantes

1. **Contexto é rei** — nunca interprete um versículo isolado
2. **A Bíblia interpreta a Bíblia** — compare Escritura com Escritura
3. **Ore antes de estudar** — peça iluminação ao Espírito Santo
4. **Aplique o que aprendeu** — conhecimento sem obediência é vazio

Conclusão

O estudo bíblico não é sobre acumular informação, mas sobre transformação. Como disse Tiago: *"sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes"* (Tiago 1:22).

Comece hoje. Separe 15 minutos. Pegue um caderno. Abra sua Bíblia. Deus tem algo para falar com você.

Referências

BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Português. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007. Salmos 119.

BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Português. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007. Hebreus 4.

BÍBLIA. N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Português. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007. Tiago 1.

Sobre Deus: A Existência, os Atributos e as Obras do Supremo Criador

Graça & Verdade · 14 de setembro de 2026 · 12 min de leitura

Este artigo examina a doutrina de Deus à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulo II), abordando a existência do Criador, a sua natureza espiritual, eterna, imutável e infinita, a unicidade divina (monoteísmo bíblico), os atributos naturais, morais e de poder, os nomes revelados no Antigo Testamento e as obras da criação, dos decretos e da providência. Conclui-se que Deus é o Supremo Ser, Criador e Mantenedor de todas as coisas, único e verdadeiro, digno de toda honra, glória e adoração.

"No princípio criou Deus o céu e a terra" (Gênesis 1:1). Antes de se estudar qualquer doutrina — a criação, o homem, o pecado ou a salvação —, é necessário voltar o olhar para Aquele que está na origem de todas as coisas: Deus. Toda a teologia bíblica repousa sobre esta verdade primeira e fundamental. O salmista proclama: "Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos" (Salmo 19:1), indicando que a própria criação testifica da existência e do poder do seu Criador.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seu Capítulo II, afirma: "cremos, professamos e ensinamos que Deus é o Supremo Ser, Criador do céu e da terra". Trata-se, portanto, do fundamento de toda a fé cristã: um Deus pessoal, vivo e verdadeiro, que se revela nas Escrituras, na criação e em Jesus Cristo. Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, quem é Deus, quais são os seus atributos, como Ele se revelou pelo seu nome e quais são as suas obras, demonstrando por que somente Ele é digno de adoração.

A Existência de Deus

A Bíblia não se ocupa em provar a existência de Deus; ela a afirma desde a sua primeira frase, como um fato inquestionável: "No princípio criou Deus o céu e a terra" (Gênesis 1:1). As Escrituras partem do pressuposto de que Deus existe e de que Ele se dá a conhecer ao homem. O autor de Hebreus declara: "é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hebreus 11:6). A existência de Deus, portanto, não é uma conclusão a que se chega, mas a base sobre a qual se constrói toda a vida de fé.

Essa verdade é confirmada pela revelação na criação. Paulo afirma que "as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas" (Romanos 1:20). O universo, em sua ordem,

grandeza e beleza, aponta para um Criador inteligente e poderoso. Além disso, Deus se revelou de modo pleno e definitivo em seu Filho: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho" (Hebreus 1:1-2).

A Natureza de Deus: Espírito Eterno, Imutável e Infinito

Deus é espírito. O próprio Senhor Jesus ensinou: "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). Sendo espírito, Deus não possui corpo material, não está limitado ao espaço nem ao tempo e não pode ser visto por olhos humanos. Paulo o descreve como "o Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio" (1 Timóteo 1:17), "aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver" (1 Timóteo 6:16).

Deus é eterno: não teve começo nem terá fim. O salmista declara: "Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus" (Salmo 90:2). Ele é também autoexistente, pois afirmou a Moisés: "EU SOU O QUE SOU" (Êxodo 3:14), indicando que possui vida em si mesmo e não depende de coisa alguma. Deus é imutável, pois Ele mesmo disse: "Porque eu, o Senhor, não mudo" (Malaquias 3:6); e Tiago acrescenta que Ele é "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). É ainda infinito e transcendente: "Grande é o nosso Senhor, e de grande poder; o seu entendimento é infinito" (Salmo 147:5), habitando na eternidade e, ao mesmo tempo, fazendo-se presente junto aos humildes (Isaías 57:15).

A Unicidade de Deus: o Monoteísmo Bíblico

As Escrituras ensinam que há um só Deus. Esta é a grande confissão de Israel: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Deuteronômio 6:4). O próprio Deus declara a sua unicidade de modo absoluto: "Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus" (Isaías 45:5); "Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus" (Isaías 44:6). A Bíblia rejeita, portanto, tanto o politeísmo — a crença em muitos deuses — quanto o ateísmo, a negação de Deus.

No Novo Testamento, essa verdade permanece inalterada. Jesus orou: "a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Paulo confessa: "Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele" (1 Coríntios 8:6). O cristão, portanto, crê e adora um único Deus, que subsiste eternamente em três pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo —, conforme a doutrina da Trindade, examinada no capítulo seguinte da Declaração de Fé.

Os Atributos Naturais de Deus

Os atributos naturais são as perfeições que pertencem à essência de Deus. Além de ser espírito, eterno, autoexistente, invisível e imutável, Deus é um ser pessoal, que possui inteligência, emoções e vontade. As Escrituras o apresentam como alguém que fala ("E disse Deus: Haja luz", Gênesis 1:3), que vê ("E viu Deus que era boa a luz", Gênesis 1:4) e que ouve ("tenho ouvido o seu clamor", Êxodo 3:7). Deus não é uma força impessoal nem uma energia cósmica, mas um Deus vivo que se relaciona pessoalmente com a sua criação.

Deus é transcendente e imanente: está acima de toda a criação e, ao mesmo tempo, presente nela. "Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito; como também com o contrito e abatido de espírito" (Isaías 57:15). Essa dupla verdade revela que o Deus infinito, a quem os céus não podem conter, se inclina graciosamente para socorrer o homem. O salmista, maravilhado, exclama: "SENHOR, tu me sondaste, e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento" (Salmo 139:1-2).

Os Atributos Morais de Deus

Os atributos morais revelam o caráter santo de Deus. Ele é amor: "Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor" (1 João 4:8). É santo de modo absoluto e incomparável: "Não há santo como o Senhor; porque não há outro fora de ti" (1 Samuel 2:2); "Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, admirável em louvores, realizando maravilhas?" (Êxodo 15:11). Deus é verdadeiro e fiel: "Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é" (Deuteronômio 32:4).

Deus é igualmente justo, bondoso, misericordioso e gracioso. O salmista declara: "O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras" (Salmo 145:9). A justiça de Deus o impede de praticar o mal, pois Ele é "tão puro de olhos, que não podes ver o mal" (Habacuque 1:13); e a sua misericórdia se manifesta plenamente na redenção, pois "Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou", nos salvou pela graça (Efésios 2:4-5). Todos esses atributos convivem em perfeita harmonia no caráter divino.

Os Atributos de Poder: Onipotência, Onisciência e Onipresença

Deus é onipotente: possui todo o poder e nenhuma coisa lhe é impossível. "Porque para Deus nada é impossível" (Lucas 1:37). O seu poder, contudo, é sempre exercido em conformidade com a sua natureza santa e justa, pois Ele não pode mentir (Tito 1:2) nem praticar o mal. Deus é também onisciente: conhece perfeitamente todas as coisas, passadas, presentes e futuras, reais

ou possíveis. Ele declara: "Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim. Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam" (Isaías 46:9-10). O seu entendimento é infinito e insondável (Isaías 40:28).

Deus é onipresente: está presente em todos os lugares ao mesmo tempo. "Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor" (Jeremias 23:24). O salmista, reconhecendo que não pode fugir da presença divina, confessa: "Para onde me irei do teu espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás também" (Salmo 139:7-8). Onipotência, onisciência e onipresença comprovam a grandeza e a infinitude do Deus único, diante do qual toda a criação se rende.

Os Nomes de Deus no Antigo Testamento

Deus se revelou ao seu povo por meio de nomes que expressam a sua natureza e os seus atributos. No hebraico, três termos designam Deus: *El* ("forte, proeminente"), *Eloah* e o plural *Elohim*, que indica a transcendência e a majestade do Criador — nome com o qual Ele é apresentado pela primeira vez: "No princípio criou Deus [Elohim] o céu e a terra" (Gênesis 1:1). Outros nomes revelam aspectos distintos do seu ser: *Elyon*, "Altíssimo" (Gênesis 14:19); *Shadday*, "Todo-poderoso" (Gênesis 17:1); e *Adonay*, "Senhor" (Isaías 6:1).

O nome mais solene é o Tetragrama *YHVH* (Yawéh/Javé), revelado a Moisés na sarça ardente: "EU SOU O QUE SOU" (Êxodo 3:14). Esse nome provém do verbo "ser" e revela que Deus é autoexistente, imutável e eterno — aquele que é, que era e que há de vir. O próprio Deus declarou: "O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó... este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração" (Êxodo 3:15). Cada nome, portanto, é uma janela pela qual o homem contempla a glória do Deus vivo.

As Obras de Deus: Criação, Decretos e Providência

A primeira grande obra de Deus é a criação. Ele trouxe o universo à existência do nada, pela sua palavra e pela sua livre vontade: "Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu" (Salmo 33:9); "Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados" (Hebreus 11:3). Tudo foi criado com propósito e para a glória de Deus: "Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas" (Apocalipse 4:11).

Além de criar, Deus sustenta e governa todas as coisas pela sua providência. Ele é quem "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hebreus 1:3) conserva a criação, pois "nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (Atos 17:28). Os decretos divinos são o seu plano eterno e imutável, que se cumpre sem que nada o possa frustrar: "O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Isaías 46:10). A criação, o sustento e o governo de Deus revelam um Criador pessoal e soberano, que conduz todas as coisas para os seus santos propósitos.

Quem quiser estudar os atributos divinos de forma sistemática encontra em **Teologia Sistemática**, de Stanley Horton, uma obra de referência.

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que Deus é: (1) o Supremo Ser e Criador do céu e da terra; (2) espírito eterno, autoexistente, imutável e infinito; (3) único, não havendo outro além dele; (4) possuidor de atributos naturais, morais e de poder, como santidade, amor, justiça, onipotência, onisciência e onipresença; (5) revelado pelos seus santos nomes; e (6) autor de grandes obras, que cria, sustenta e governa todas as coisas pela sua providência.

Conhecer a Deus é o maior privilégio e o mais elevado propósito do homem, pois "a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Que cada crente, contemplando a grandeza do Criador, responda como o apóstolo Paulo, em adoração: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém." (Romanos 11:33,36).

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gênesis 1; 14; 17.
- BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Êxodo 3; 15.
- BÍBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Deuteronômio 6; 32.
- BÍBLIA. A. T. 1 Samuel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Samuel 2.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 19; 33; 90; 139; 145; 147.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 6; 40; 44; 45; 46; 57.
- BÍBLIA. A. T. Jeremias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Jeremias 23.
- BÍBLIA. A. T. Malaquias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Malaquias 3.
- BÍBLIA. A. T. Habacuque. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Habacuque 1.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 1.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 4; 17.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 17.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 1; 11.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 8.

- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 2.
- BÍBLIA. N. T. Tito. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tito 1.
- BÍBLIA. N. T. 1 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Timóteo 1; 6.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 1; 11.
- BÍBLIA. N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tiago 1.
- BÍBLIA. N. T. 1 João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 João 4.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 4.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo II: Sobre Deus.

A Santíssima Trindade: Um Só Deus em Três Pessoas Distintas

Graça & Verdade · 15 de setembro de 2026 · 11 min de leitura

Este artigo examina a doutrina da Santíssima Trindade à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulo III), abordando o monoteísmo bíblico, a unidade na pluralidade revelada no Antigo Testamento, a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a igualdade de essência e a distinção de funções entre as três pessoas, e os erros doutrinários do unicismo, do unitarismo e do triteísmo. Conclui-se que Deus é um só em essência e subsiste eternamente em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). Nesta ordenança do Senhor Jesus, está condensada uma das verdades mais profundas da fé cristã: há um só Deus, que subsiste eternamente em três pessoas distintas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A doutrina da Trindade não é uma invenção dos concílios nem uma especulação filosófica, mas a revelação bíblica de quem Deus é em si mesmo.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seu Capítulo III, afirma: "cremos, professamos e ensinamos o monoteísmo bíblico, que Deus é uno em essência ou substância; indivisível em natureza e que subsiste eternamente em três pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo, iguais em poder, glória e majestade e distintas em função, manifestação e aspecto". Este artigo propõe-se a examinar essa doutrina à luz das Escrituras, demonstrando a sua base bíblica, a divindade de cada pessoa e a rejeição dos erros que a deturpam.

O Monoteísmo Bíblico

A fé bíblica é essencialmente monoteísta: há um só Deus. A grande confissão de Israel é: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Deuteronômio 6:4). O próprio Deus declara: "Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus" (Isaías 45:5). O Novo Testamento mantém essa verdade com a mesma clareza: "Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos" (1 Coríntios 8:6); "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós" (Efésios 4:6); "há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5).

Essa unicidade, porém, não é uma unidade absoluta e fechada, mas uma unidade composta e dinâmica. O Deus único revelado nas Escrituras subsiste em três pessoas. O monoteísmo bíblico, portanto, não contradiz a doutrina da Trindade; ao contrário, ele a fundamenta, pois afirma que

há um só Deus — e não três — que, todavia, se manifesta em três pessoas distintas, iguais em essência e eternas.

A Pluralidade na Unidade: Vislumbres no Antigo Testamento

Embora a Trindade seja revelada com plenitude somente no Novo Testamento, o Antigo Testamento já apresenta indícios dessa pluralidade na divindade. O nome *Elohim*, plural de *Eloah*, é empregado na primeira declaração da Bíblia: "No princípio criou Deus [Elohim] o céu e a terra" (Gênesis 1:1). O verbo "criou" está no singular, enquanto o sujeito "*Elohim*" está no plural, sugerindo uma pluralidade na unidade divina.

Essa pluralidade reaparece em diversas passagens: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26); "Eis que o homem é como um de nós" (Gênesis 3:22); "Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua" (Gênesis 11:7); e na visão do profeta: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" (Isaías 6:8). Esses textos, que empregam pronomes no plural, revelam que o Deus único existe em uma comunhão de pessoas, verdade que o Novo Testamento tornará explícita.

O Pai é Deus

O Pai é apresentado nas Escrituras como Deus de modo abundante e inequívoco. Jesus o chamou de "o único Deus verdadeiro" em sua oração: "a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Paulo o identifica como "Deus Pai" (Gálatas 1:1,3) e declara que "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós" (Efésios 4:6). A paternidade é o papel da primeira pessoa da Trindade, que opera por meio do Filho e do Espírito Santo.

O Pai é a fonte da criação, da redenção e da providência: dele procede o plano eterno de salvação. Foi Ele quem "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (João 3:16), quem proclamou as palavras criadoras e quem enviou o Espírito Santo em nome do Filho. Sua divindade está claramente expressa na fórmula batismal, que o coloca em plena igualdade com o Filho e o Espírito Santo: "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28:19).

O Filho é Deus

O Senhor Jesus Cristo é, desde a eternidade, o único Filho de Deus e possui a mesma natureza do Pai. O apóstolo João abre o seu Evangelho declarando: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1), e acrescenta: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14). O próprio Jesus afirmou a sua unidade com o Pai: "Eu e o Pai somos um" (João 10:30), e declarou a sua eternidade: "antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58). Diante dele, Tomé confessou: "Senhor meu, e Deus meu!" (João 20:28).

A divindade de Cristo é confirmada por toda a Escritura. Paulo o chama de "Deus bendito eternamente" (Romanos 9:5) e afirma que "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). João declara que "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (João 1:3), e o Apocalipse o apresenta como "o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim... o Todo-Poderoso" (Apocalipse 1:8). O Filho é, portanto, verdadeiro Deus, consubstancial com o Pai, embora distinto dele em pessoa.

O Espírito Santo é Deus

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade e possui a mesma essência divina do Pai e do Filho. As Escrituras o identificam como Deus de modo explícito. Quando Ananias mentiu ao Espírito Santo, Pedro o repreendeu dizendo: "Não mentiste aos homens, mas a Deus" (Atos 5:4). Paulo afirma que o Espírito "penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:10), e o salmista atribui a Ele a onipresença divina (Salmo 139:7-8).

O Espírito Santo possui personalidade e atributos divinos. Ele fala, ensina, guia e intercede; pode ser entristecido e resistido. Jesus prometeu enviá-lo como "outro Consolador" (João 14:16), o "Espírito de verdade, que procede do Pai" (João 15:26). A sua obra é dar continuidade ao plano de salvação: convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8), regenera, santifica, sela e capacita o crente (Tito 3:5; Efésios 1:13-14). Ele é, portanto, uma pessoa divina, e não uma força ou mera influência.

Igualdade de Essência e Distinção de Funções

As três pessoas da Trindade são iguais em essência, poder, glória e majestade, porém distintas em função. A fórmula batismal as apresenta lado a lado: "batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). No batismo de Jesus, as três pessoas se manifestam simultaneamente: o Filho é batizado, o Espírito desce como pomba e a voz do Pai declara: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:16-17).

Essa distinção sem divisão é reafirmada na bênção apostólica: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós. Amém" (2 Coríntios 13:14); na diversidade de dons: "há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos" (1 Coríntios 12:4-6); e na obra da salvação, que envolve os três: "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1 Pedro 1:2).

A Subordinação Funcional sem Inferioridade

Dentro da Trindade, é possível que uma pessoa se subordine voluntariamente à outra, sem que isso implique inferioridade de essência. O Filho, em sua encarnação, submeteu-se funcionalmente à vontade do Pai: "porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (João 6:38). Quando Jesus disse "meu Pai é maior do que eu" (João 14:28), referia-se à sua condição de servo, assumida na encarnação, e não a uma diminuição da sua deidade.

Paulo explica essa verdade: Cristo, "sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens" (Filipenses 2:6-7). A subordinação do Filho ao Pai — e do Espírito Santo ao Filho e ao Pai — é uma distinção de serviço, e não de natureza, pois "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). Há, portanto, igualdade absoluta de essência entre as três pessoas, ainda que com papéis distintos na obra da redenção.

Erros Doutrinários a Rejeitar

A doutrina da Trindade foi, ao longo da história, deturpada por erros que a Igreja deve rejeitar. O unicismo (ou sabelianismo) ensina que Pai, Filho e Espírito Santo são apenas três modos ou manifestações de uma mesma pessoa divina; mas a Bíblia mostra as três pessoas distintas e simultâneas, como no batismo de Jesus (Mateus 3:16-17). O unitarismo nega a divindade do Filho e do Espírito Santo, afirmando que somente o Pai é Deus; mas as Escrituras ensinam claramente a divindade de ambos (João 1:1; Atos 5:3-4).

O triteísmo, por sua vez, ensina a existência de três deuses separados, negando a unicidade divina; mas a Bíblia declara "que há um só Deus, e que não há outro além dele" (Marcos 12:32). Como resume a Declaração de Fé, apoiada no Credo de Atanásio: "adoremos um Deus em trindade, e trindade em unidade; não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância". Os triteístas separam a substância, os unicistas confundem as pessoas e os unitaristas negam a divindade; todos esses desvios estão em desacordo com a fé cristã bíblica e histórica.

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que: (1) a fé bíblica é monoteísta, pois há um só Deus; (2) o Antigo Testamento já apresenta indícios da pluralidade na unidade divina; (3) o Pai, o Filho e o Espírito Santo são verdadeiramente Deus, cada um possuindo plenamente a natureza divina; (4) as três pessoas são iguais em essência, ainda que distintas em função; e (5) o unicismo, o unitarismo e o triteísmo são erros que distorcem a revelação bíblica e devem ser rejeitados.

A doutrina da Trindade não é um mistério a ser desvendado pela razão humana, mas uma verdade a ser crida e adorada. Nela, o crente contempla a grandeza de Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo, e compreende que a salvação é obra das três pessoas em perfeita cooperação. Ao

Deus único e trino — que planejou, executou e aplica a redenção — sejam a glória e o louvor, pelos séculos dos séculos. Amém.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gênesis 1; 3; 11.
- BÍBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Deuteronômio 6.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 139.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 6; 45.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 3; 28.
- BÍBLIA. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Marcos 12.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 1; 3; 6; 8; 10; 14; 15; 16; 17; 20.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 5.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 9.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 2; 8; 12.
- BÍBLIA. N. T. 2 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Coríntios 13.
- BÍBLIA. N. T. Gálatas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gálatas 1.
- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 1; 4.
- BÍBLIA. N. T. Filipenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Filipenses 2.
- BÍBLIA. N. T. Colossenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Colossenses 2.
- BÍBLIA. N. T. Tito. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tito 3.
- BÍBLIA. N. T. 1 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Timóteo 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Pedro 1.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 1.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo III: Sobre a Trindade.

O Homem e o Pecado: A Criação à Imagem de Deus e a Queda da Humanidade

Graça & Verdade · 17 de setembro de 2026 · 11 min de leitura

Este artigo examina a doutrina do homem e do pecado à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulos VII e IX), abordando a criação do homem à imagem e semelhança de Deus, a constituição humana (corpo, alma e espírito), a definição e a origem do pecado, a Queda no Éden, o pecado original e a corrupção total do gênero humano, as consequências do pecado (a morte) e a restauração operada por Cristo. Conclui-se que o homem, criado perfeito, caiu pelo pecado, mas pode ser redimido e restaurado pela graça de Deus em Jesus Cristo.

"E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gênesis 2:7). Duas verdades fundamentais percorrem toda a Escritura: o homem é a coroa da criação de Deus, feito à sua imagem e semelhança; e esse mesmo homem caiu, pelo pecado, afastando-se do seu Criador. Compreender quem é o ser humano e o que o pecado lhe fez é essencial para entender a necessidade e a grandeza da salvação.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seus Capítulos VII e IX, afirma que o homem é criação de Deus e que o pecado é "a transgressão da Lei de Deus". Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, a origem e a constituição do homem, a entrada do pecado no mundo e as suas consequências, apontando para a redenção que há somente em Jesus Cristo.

A Criação do Homem à Imagem de Deus

O homem foi criado por Deus como o ponto mais elevado da criação. Antes de criá-lo, Deus declarou: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26). E o relato acrescenta: "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gênesis 1:27). Ser imagem e semelhança de Deus significa que o homem é um ser pessoal, racional, moral e espiritual, distinto de todas as demais criaturas.

Essa dignidade única é confirmada pelo salmista: "Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste" (Salmo 8:5). O homem foi coroado de honra e glória, dotado de livre-arbítrio e colocado como mordomo da criação. Mesmo após a Queda, essa imagem

permanece, ainda que desfigurada, pois Tiago adverte que os homens são "feitos à semelhança de Deus" (Tiago 3:9). Nenhuma outra criatura recebeu tamanha honra: o homem é a coroa da obra criadora de Deus.

A Constituição Humana: Corpo, Alma e Espírito

A Bíblia revela que o ser humano é constituído de uma parte material e de duas imateriais: o corpo, a alma e o espírito. Paulo expressa essa constituição tríplice ao desejar que "todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Tessalonicenses 5:23). O autor de Hebreus confirma a distinção ao falar da Palavra que "penetra até à divisão da alma, e do espírito" (Hebreus 4:12).

O corpo é o "homem exterior", o invólucro físico e mortal do espírito e da alma; a alma e o espírito constituem o homem interior, que "se renova de dia em dia" (2 Coríntios 4:16). Paulo distingue três condições humanas: o "homem natural", que não compreende as coisas de Deus (1 Coríntios 2:14); o "homem carnal", dominado pela carne (1 Coríntios 3:1-3); e o "homem espiritual", que discerne todas as coisas (1 Coríntios 2:15). O corpo, longe de ser algo mau ou desprezível, é "templo do Espírito Santo" (1 Coríntios 6:19) e será ressuscitado na glória.

O Homem Interior: Alma e Espírito

A alma é a sede das emoções, dos desejos, das paixões e do intelecto, o centro afetivo e moral da vida humana, pela qual o homem sente, alegra-se e sofre. O espírito, por sua vez, é o elemento colocado por Deus no interior do homem (Zacarias 12:1), por meio do qual ele adora a Deus e se torna morada do Espírito Santo: "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Romanos 8:16).

Alma e espírito são substâncias imateriais, distintas, porém inseparáveis, que sobrevivem à morte física: "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Eclesiastes 12:7). Na morte, o ser humano parte para um de dois destinos: o céu, na presença do Senhor, ou a perdição eterna. Por isso, a Escritura rejeita a reencarnação e a comunicação dos mortos com os vivos, pois "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hebreus 9:27).

A Definição e os Nomes do Pecado

O pecado é a transgressão da Lei de Deus e a quebra do relacionamento do homem com o seu Criador. João declara: "Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade" (1 João 3:4). O termo hebraico *chatá* e o grego *hamartia* significam, ambos, "errar o alvo": pecar é desviar-se do alvo e do propósito que Deus estabeleceu para a vida humana.

As Escrituras empregam diversos termos para descrever o pecado em suas múltiplas faces: transgressão, desobediência, impiedade, maldade, perversidade, engano, iniquidade, injustiça e incredulidade. A sua universalidade é um dos temas mais claros da Bíblia: "Na verdade que não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e nunca peque" (Eclesiastes 7:20); "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23). Ninguém, por si mesmo, escapa à realidade do pecado.

A Origem do Pecado

O pecado não se originou em Deus, nem foi por Ele causado. Tiago adverte: "Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta" (Tiago 1:13). O pecado surgiu, antes da criação do homem, no coração de um querubim ungido que se rebelou contra Deus e se tornou Satanás: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti" (Ezequiel 28:15). Com ele, um grupo de anjos também se rebelou, tornando-se demônios.

A tentação, portanto, envolve a sedução externa do mal e os desejos interiores do homem: "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte" (Tiago 1:14-15). O pecado nasce quando a vontade humana, livremente, cede à sedução e desobedece a Deus.

A Queda no Éden

Deus criou o homem reto e em total inocência, e lhe deu uma única ordem: "da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gênesis 2:17). Contudo, a serpente — identificada como o diabo e Satanás — enganou Eva, e o casal desobedeceu: "E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela" (Gênesis 3:6).

A Queda teve consequências imediatas. A comunhão com Deus foi rompida de imediato: "as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus" (Isaías 59:2). Os olhos do casal foram abertos, conheceram a nudez e o medo, e esconderam-se da presença de Deus. O juízo divino recaiu sobre a serpente, sobre a mulher e sobre o homem. Todavia, já ali Deus prometeu o Redentor: "esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis 3:15), anunciando a vitória final de Cristo sobre Satanás.

O Pecado Original e a Corrupção Total do Gênero Humano

O pecado de Adão não foi um ato isolado: "Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Romanos 5:12). A partir de Adão, toda a humanidade nasce em pecado: "Eis que

em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe" (Salmo 51:5). Esse é o pecado original: a pecaminosidade universal e hereditária da raça humana.

A corrupção atingiu o homem em toda a sua composição — corpo, alma e espírito. A Bíblia declara: "Não há um justo, nem um sequer" (Romanos 3:10); o coração humano tornou-se "enganoso... mais do que todas as coisas, e perverso" (Jeremias 17:9); e todos estão "mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1). Essa corrupção prejudicou o intelecto, as emoções, a vontade, a consciência e a razão, de modo que ninguém pode voltar-se para Deus sem o auxílio da graça divina. A imagem de Deus, porém, não foi aniquilada, mas desfigurada — e a sua restauração só é possível em Cristo.

As Consequências do Pecado: A Morte

A consequência primeira do pecado é a morte, em suas três dimensões. A morte espiritual é o estado do pecador sem Cristo, separado de Deus: "estando vós mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1). A morte física é o destino comum de todos, pois "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). E a morte eterna — chamada de segunda morte — é a condenação final dos que rejeitarem a salvação (Apocalipse 20:14).

Como a morte é universal, ela constitui a prova incontestável da universalidade do pecado. Todavia, a mensagem bíblica não termina na condenação: "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:23). A morte não é a palavra final: ela foi vencida no Calvário por Cristo, que trouxe vida e imortalidade à luz.

A Restauração em Cristo

Diante da ruína provocada pelo pecado, Deus providenciou a redenção. A natureza humana, corrompida pela Queda, pode ser eficazmente regenerada por Cristo: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). O novo nascimento é a porta dessa restauração: "aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (João 3:5).

Onde o primeiro Adão fracassou, o último Adão, Cristo, venceu: "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Coríntios 15:22). O pecado veio por um homem e trouxe condenação a todos; a justiça veio por um homem — Jesus Cristo — e trouxe justificação e vida. A imagem de Deus, desfigurada pela Queda, é restaurada no crente, que é criado de novo "em Cristo Jesus para as boas obras" (Efésios 2:10).

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que: (1) o homem é criação de Deus, feito à sua imagem e semelhança; (2) constituído de corpo, alma e espírito; (3) o pecado é a transgressão da Lei de Deus, cuja origem está na rebelião de Satanás; (4) pela Queda no Éden, o pecado entrou no mundo e contaminou toda a humanidade; (5) a consequência do pecado é a morte, em suas dimensões espiritual, física e eterna; e (6) somente em Cristo o homem é restaurado e redimido.

Compreender a doutrina do homem e do pecado é o ponto de partida para compreender a graça de Deus. Quanto mais se reconhece a profundidade da Queda, mais se exalta a grandeza da redenção: "onde o pecado abundou, superabundou a graça" (Romanos 5:20). Que cada crente, ciente da sua condição perdida e da misericórdia que o alcançou, viva em novidade de vida, como nova criatura em Cristo Jesus, para a glória de Deus. Amém.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gênesis 1; 2; 3.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 8; 51.
- BÍBLIA. A. T. Eclesiastes. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Eclesiastes 7; 12.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 59.
- BÍBLIA. A. T. Jeremias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Jeremias 17.
- BÍBLIA. A. T. Ezequiel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Ezequiel 28.
- BÍBLIA. A. T. Zacarias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Zacarias 12.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 3.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 3; 5; 6; 8.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 2; 3; 6; 15.
- BÍBLIA. N. T. 2 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Coríntios 4; 5.
- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 Tessalonicenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Tessalonicenses 5.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 4; 9.
- BÍBLIA. N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tiago 1; 3.
- BÍBLIA. N. T. 1 João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 João 3.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 20.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo VII: Sobre o Homem; Capítulo IX: Sobre o Pecado e suas Consequências.

As Criaturas Espirituais: Anjos e Demônios à Luz das Escrituras

Graça & Verdade · 18 de setembro de 2026 · 13 min de leitura

Este artigo examina a doutrina das criaturas espirituais — anjos e demônios — à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulo VIII), abordando a criação e a realidade dos anjos, seus nomes e natureza, a organização angelical (arcanjos, querubins e serafins), o Anjo do Senhor, os ofícios dos anjos, a queda dos anjos rebeldes (demônios), a pessoa de Satanás como maioral dos demônios e a vitória de Cristo sobre as forças do mal. Conclui-se que os anjos são espíritos ministradores a serviço de Deus e dos salvos, e que Satanás e seus demônios, já julgados, não podem resistir ao poder do nome de Jesus.

"Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hebreus 1:14). O mundo espiritual é real, embora invisível aos olhos humanos. A Bíblia revela a existência de criaturas espirituais criadas por Deus — os anjos —, que o servem e auxiliam o seu povo. Revela também que uma parte desses anjos se rebelou, tornando-se demônios, sob a liderança de Satanás, o adversário de Deus e dos homens. Compreender essa realidade é essencial para a vida cristã e para a batalha espiritual.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seu Capítulo VIII, afirma que os anjos "são uma ordem sobrenatural de seres celestiais criados por Deus antes da fundação do mundo". Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, quem são os anjos, qual a sua natureza e os seus ofícios, quem são os demônios e o seu maioral, e qual é a vitória que Cristo assegura ao crente sobre as forças das trevas.

A Criação e a Realidade dos Anjos

Os anjos são criaturas de Deus, e não emanções cósmicas ou figuras de retórica. Eles foram criados por Deus antes da fundação do mundo, como o indica a passagem em que "as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam" quando Deus lançava os fundamentos da terra (Jó 38:7). Neemias declara que Deus fez "o céu, o céu dos céus e todo o seu exército" (Neemias 9:6), e o salmista convoca: "Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos" (Salmo 148:2).

O termo "anjo" significa "mensageiro", tanto no hebraico (*malak*) quanto no grego (*ángelos*). Os anjos são seres reais, espirituais e pessoais, que habitam os céus e formam uma multidão incontável: "era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares" (Apocalipse 5:11).

Jesus referiu-se a eles como seres que "nos céus sempre vêm a face de meu Pai que está nos céus" (Mateus 18:10). Eles povoam os céus em milícias espirituais organizadas: "apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais" (Lucas 2:13).

Os Nomes e a Natureza dos Anjos

As Escrituras empregam diversos nomes para os anjos, revelando sua natureza e posição. São chamados de "santos" (Deuteronômio 33:2), "vigias" ou "vigilantes" (Daniel 4:13), "exércitos" (Salmo 148:2) e, no Novo Testamento, "tronos", "dominações", "principados" e "potestades" (Colossenses 1:16). Essas designações indicam que os anjos são organizados em diferentes ordens e graus de autoridade. O apóstolo Paulo descreve a hierarquia espiritual ao afirmar que a luta do crente é "contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade" (Efésios 6:12).

Os anjos são criaturas espirituais dotadas de poder extraordinário: "Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, vós que excedeis em força, que guardais os seus mandamentos, obedecendo à voz da sua palavra" (Salmo 103:20). Eles são superiores aos seres humanos em força e poder (2 Pedro 2:11), possuem conhecimento superior, mas não são oniscientes, pois desconheciam certos planos de Deus e anelam perscrutar o evangelho (1 Pedro 1:12). São seres pessoais e morais, que recusam adoração — "adora a Deus" (Apocalipse 19:10) — e não se reproduzem nem morrem: "já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos" (Lucas 20:36). Existem grandes multidões deles no céu, mas apenas Gabriel (Lucas 1:19) e Miguel (Judas 9) são identificados por nome na Bíblia.

A Organização Angelical

Os anjos acham-se organizados de forma hierárquica. Os arcanjos são os maiores dos anjos, como indica o prefixo "arc". Miguel é o arcanjo mencionado nas Escrituras, "o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo" (Daniel 12:1), e é descrito como aquele que, ao contender com o diabo, "não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Judas 9). A existência de outros arcanjos é sugerida pela expressão "Miguel, um dos primeiros príncipes" (Daniel 10:13).

Os querubins são outra ordem angelical elevada, associados à presença, à grandeza e à majestade de Deus. Aparecem pela primeira vez como guardiões do jardim do Éden: "pôs querubins ao oriente do jardim do Éden" (Gênesis 3:24). Deus habita entre os querubins (1 Crônicas 13:6), e Ezequiel os descreve com características simbólicas de homem, leão, boi e águia (Ezequiel 1:5-10). Os serafins são outra ordem elevada, ligada diretamente à adoração divina. Isaías os viu clamando: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Isaías 6:3). Com seis asas, cobrem o rosto e os pés em reverência e voam em serviço, revelando a santidade de Deus.

O Anjo do Senhor

O Anjo do Senhor ocupa um lugar especial nas Escrituras. Em diversas passagens do Antigo Testamento, ele é identificado com o próprio Deus e aparece como uma manifestação pré-encarnada de Jesus Cristo. Na sarça ardente, "apareceu-lhe o Anjo do Senhor em uma chama de fogo... e vendo o Senhor que se virava para ver, bradou Deus a ele do meio da sarça" (Êxodo 3:2,4). Aqui, o Anjo do Senhor e Deus são apresentados como a mesma pessoa.

O Anjo do Senhor também aparece distintamente em outras passagens, falando com Deus e recebendo ordens (Zacarias 1:12-13). Em Gênesis 22:11-12, é o Anjo do Senhor quem impede Abraão de sacrificar Isaque, e Jesus declarou que Abraão viu o seu dia e se alegrou (João 8:56). Essas aparições são entendidas como cristofanias — manifestações do Filho de Deus antes da sua encarnação. Ele não é um anjo criado, mas o próprio Deus que se manifesta em forma angelical para comunicar-se com os homens.

Os Ofícios dos Anjos

Os anjos são, antes de tudo, adoradores e servos de Deus: "Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos... que guardais os seus mandamentos, obedecendo à voz da sua palavra" (Salmo 103:20). Eles louvam a Deus incessantemente no céu (Apocalipse 7:11-12) e na terra, como na ocasião do nascimento de Jesus (Lucas 2:13-14). Intermediaram a entrega da Lei no Sinai (Atos 7:53; Gálatas 3:19), estão presentes nos cultos da Igreja (1 Coríntios 11:10) e observam a vida dos crentes (1 Coríntios 4:9; 1 Timóteo 5:21).

Eles também executam o juízo de Deus: um anjo feriu 185 mil assírios em uma só noite (2 Reis 19:35) e outro feriu Herodes (Atos 12:23). São mensageiros divinos, anunciando a Zacarias o nascimento de João Batista (Lucas 1:13) e a Maria o nascimento de Jesus (Lucas 1:26-27). Assistiram o Senhor Jesus no deserto e no Getsêmani (Marcos 1:13; Lucas 22:43), anunciaram a sua ressurreição (Mateus 28:5-6) e estiveram presentes na sua ascensão (Atos 1:10-11). Acompanharão o Senhor na sua segunda vinda (Mateus 25:31), separarão o joio do trigo (Mateus 13:39-41) e ajuntarão os eleitos (Mateus 24:31). Além disso, socorrem os servos de Deus (Atos 12:7-8; Salmo 91:11-12) e transportam os salvos ao seu destino final (Lucas 16:22). Sobre o "anjo da guarda", a Declaração de Fé esclarece que a ideia de um anjo designado individualmente a cada pessoa não tem sustentação bíblica, pois Mateus 18:10 indica que os anjos estão na presença de Deus, e não que cuidam individualmente de cada ser humano.

A Queda dos Anjos: os Demônios

Nem todos os anjos permaneceram fiéis a Deus. As Escrituras revelam que um grupo de anjos rebelou-se contra o Criador: "se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo" (2

Pedro 2:4). Judas acrescenta que são "anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação" (Judas 6). Esses anjos decaídos são os demônios, espíritos imundos e malignos, que atuam sob a liderança de Satanás.

Os demônios são espíritos maus, desprovidos de corpo, capazes de possuir corpos humanos e de animais. As Escrituras registram diversas possessões demoníacas, como a do gadareno (Marcos 5:2-5) e a de Maria Madalena, da qual saíram sete demônios (Lucas 8:2). Os efeitos dessas possessões incluem força maligna incomum, autodestruição, mudez, surdez, cegueira e convulsões. Todavia, é importante distinguir enfermidade de possessão, pois nem toda doença é de origem demoníaca. Apesar do poder sobrenatural que possuem, os demônios nada podem diante de Jesus: "Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?" (Atos 19:15). O crente em Jesus recebeu autoridade para expulsá-los: "expulsarão os demônios" (Marcos 16:17).

Satanás: o Maioral dos Demônios

Satanás, cujo nome significa "adversário" ou "opositor", é o chefe dos demônios. A Bíblia também o chama de Diabo ("caluniador"), Belzebu ("príncipe dos demônios"), Tentador, grande dragão, antiga serpente e pai da mentira. Ele foi criado perfeito — "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti" (Ezequiel 28:15) —, mas o orgulho o levou à rebelião: "E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono... serei semelhante ao Altíssimo" (Isaías 14:13-14). Por isso, foi expulso do céu com os anjos que o seguiram.

O *modus operandi* de Satanás e dos seus demônios é a mentira e o engano. Jesus declarou que ele "foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira" (João 8:44). Ele "cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo" (2 Coríntios 4:4). Pedro adverte: "o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pedro 5:8). O poder de Deus sobre ele, contudo, é total e absoluto: Satanás só age dentro dos limites que Deus lhe permite (Jó 1:12). O seu destino já está selado: "o príncipe deste mundo está julgado" (João 16:11), e o fogo eterno foi "preparado para o diabo e seus anjos" (Mateus 25:41).

A Vitória de Cristo sobre as Forças do Mal

A vitória sobre Satanás e os demônios já foi conquistada por Jesus Cristo. Logo no início do seu ministério, Jesus venceu o diabo no deserto, respondendo a cada tentação com a Palavra de Deus e ordenando: "Vai-te, Satanás" (Mateus 4:10). A sua vitória foi completa: "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo" (1 João 3:8). Na cruz, Cristo triunfou sobre os principados e potestades, expondo-os publicamente (Colossenses 2:15). A sua ressurreição selou a derrota definitiva do mal.

O crente participa dessa vitória em Cristo. O Senhor deu autoridade à sua Igreja para resistir ao diabo e expulsar demônios em seu nome (Marcos 16:17; Mateus 10:8). A armadura espiritual descrita em Efésios 6:11-18 capacita o cristão a "estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Efésios 6:11). Tiago exorta: "sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tiago 4:7). O destino final de Satanás e dos demônios é o lago de fogo, onde serão atormentados para todo o sempre (Apocalipse 20:10). Até lá, o crente vive em vigilância, mas em plena segurança: "sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca... o maligno não lhe toca" (1 João 5:18).

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que: (1) os anjos são criaturas espirituais criadas por Deus, reais e organizadas em milícias celestiais; (2) possuem nomes que revelam sua natureza e hierarquia, incluindo arcanjos, querubins e serafins; (3) o Anjo do Senhor é uma manifestação pré-encarnada de Cristo; (4) os anjos servem a Deus em adoração, comunicação e auxílio aos salvos; (5) uma parte dos anjos rebelou-se, tornando-se demônios sob a liderança de Satanás; (6) Satanás é o adversário de Deus e dos homens, mas seu poder é limitado e seu destino está selado; e (7) Cristo já venceu o mal, e o crente participa dessa vitória pela fé e pela autoridade do seu nome.

O mundo espiritual é real, e o crente não pode ignorá-lo. Contudo, não há motivo para temor, pois "maior é o que está em vós do que o que está no mundo" (1 João 4:4). Que cada cristão vista a armadura de Deus, resista ao diabo e confie na vitória que Cristo já conquistou na cruz, aguardando o dia em que o dragão será definitivamente lançado no lago de fogo e o povo de Deus reinará com o Senhor para sempre. Amém.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gênesis 3; 22.
- BÍBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Deuteronômio 33.
- BÍBLIA. A. T. 2 Reis. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Reis 19.
- BÍBLIA. A. T. 1 Crônicas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Crônicas 13.
- BÍBLIA. A. T. Neemias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Neemias 9.
- BÍBLIA. A. T. Jó. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Jó 1; 38.
- BÍBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Salmos 91; 103; 148.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Isaías 6; 14.
- BÍBLIA. A. T. Ezequiel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Ezequiel 1; 28.

- BÍBLIA. A. T. Daniel. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Daniel 4; 10; 12.
- BÍBLIA. A. T. Zacarias. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Zacarias 1.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 4; 10; 13; 18; 24; 25; 28.
- BÍBLIA. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Marcos 1; 5; 16.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 1; 2; 8; 16; 20; 22.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 8; 16.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 1; 7; 12; 19.
- BÍBLIA. N. T. Gálatas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gálatas 3.
- BÍBLIA. N. T. Efésios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Efésios 6.
- BÍBLIA. N. T. Colossenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Colossenses 1; 2.
- BÍBLIA. N. T. 2 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Coríntios 4.
- BÍBLIA. N. T. 1 Coríntios. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Coríntios 4; 11.
- BÍBLIA. N. T. 1 Timóteo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Timóteo 5.
- BÍBLIA. N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Tiago 4.
- BÍBLIA. N. T. 1 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 Pedro 1; 5.
- BÍBLIA. N. T. 2 Pedro. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 2 Pedro 2.
- BÍBLIA. N. T. 1 João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. 1 João 3; 4; 5.
- BÍBLIA. N. T. Judas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Judas 1.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 1.
- BÍBLIA. N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Apocalipse 5; 7; 19; 20.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulo VIII: Sobre as Criaturas Espirituais.

A Lei e os Dez Mandamentos: Origem Divina, Função e Transitoriedade à Luz das Escrituras

Graça & Verdade · 26 de setembro de 2026 · 12 min de leitura

Este artigo examina a Lei de Moisés e os Dez Mandamentos à luz das Sagradas Escrituras (versão Almeida Corrigida Fiel) e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Capítulos XVII e XVIII), abordando a origem divina e a natureza da Lei, a divisão em preceitos morais, cerimoniais e civis, a sua função de revelar o pecado e conduzir a Cristo, a relação entre a lei e a graça, a transitoriedade do sistema mosaico, e o Decálogo com o significado e propósito de cada mandamento. Conclui-se que a Lei foi cumprida em Cristo e que o seu conteúdo moral permanece, resumido no amor a Deus e ao próximo.

"Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1:17). A Lei de Moisés, também chamada Lei do Senhor, é o mais importante código de leis da antiguidade, dada por Deus ao povo de Israel no monte Sinai. No seu centro está o Decálogo, as "dez palavras" escritas pelo próprio Deus em tábuas de pedra, que orientam a vida do povo na sua relação com Deus e com o próximo.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus, em seus Capítulos XVII e XVIII, trata da Lei e dos Dez Mandamentos, ensinando que a Lei é de origem divina, que o Senhor Jesus a cumpriu na sua totalidade e que a sua função era revelar o pecado e conduzir o homem a Cristo. Este artigo propõe-se a examinar, à luz da Palavra de Deus, a natureza e a função da Lei, a sua relação com a graça, a sua transitoriedade e o significado de cada um dos Dez Mandamentos.

A Lei de Moisés: Origem Divina e Natureza

As expressões "Lei de Deus", "Lei do Senhor" e "Lei de Moisés" dizem respeito a uma mesma coisa. A Lei é de origem divina e foi dada por Deus aos israelitas por meio de Moisés, o grande legislador do povo hebreu: "Porque a lei foi dada por Moisés" (João 1:17). O apóstolo Paulo exalta a sua grandeza: "E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom" (Romanos 7:12), e declara: "Porque bem sabemos que a lei é espiritual" (Romanos 7:14).

A Lei é constituída de cinco livros — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio — chamados de *Torá*, termo que basicamente significa "instrução, ensino, lei". Foi proposta por Moisés aos filhos de Israel como instrução de Deus para o seu povo: "Esta é, pois, a lei que

Moisés propôs aos filhos de Israel" (Deuteronômio 4:44). Sua grandeza, porém, vai além, pois nela Deus esboça o plano da redenção humana em Cristo: "Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê" (Romanos 10:4).

Os Preceitos Morais, Cerimoniais e Cívicos

As chamadas lei moral, lei cerimonial e lei civil são, na verdade, três partes de uma mesma lei, que o Senhor Jesus já cumpriu na sua totalidade: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir" (Mateus 5:17). Os preceitos morais são os que tratam dos princípios básicos de moralidade, válidos para todos os povos, em todas as épocas e em todos os lugares. A lei cerimonial trata das festividades religiosas, do sistema de sacrifício e da adoração no santuário, dos alimentos limpos e imundos e das instruções sobre a pureza ritual.

A lei civil diz respeito à responsabilidade do israelita como cidadão: eram regulamentos jurídicos e instruções que regiam a nação de Israel. Essa visão tripartida é didática e surgiu na Idade Média; na Bíblia, porém, todos esses preceitos aparecem como a Lei de Moisés, sem classificação específica. Tudo é a Lei de Moisés.

A Função da Lei: Revelar o Pecado e Conduzir a Cristo

A lei não salva, nem é essa a sua função. Ninguém é justificado pelas obras da lei: "Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada" (Gálatas 2:16). A função da lei é revelar o pecado no ser humano: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado" (Romanos 3:20).

A lei é como o resultado de um exame, que mostra a enfermidade e, com base nele, o médico indica o remédio para a cura. Ela não ajuda ninguém a se tornar justo, apenas manifesta a justiça e a injustiça, conduzindo-nos a Cristo: "De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados" (Gálatas 3:24).

A Lei e a Graça

A lei diz "faça e viva"; a graça diz "viva e faça". Não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça" (Romanos 6:14). Isso significa que não somos controlados pela lei, mas guiados pelo Espírito: "Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei" (Gálatas 5:18).

Nossa obediência não é mais ao estilo da lei escrita; estamos livres para servir a Deus na direção do Espírito Santo: "Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra"

(Romanos 7:6). Essa liberdade, porém, não é licença para pecar: "Pois que? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum" (Romanos 6:15). Somos servos de Cristo, e não da lei, e somos guiados pelo Espírito na obediência.

A Transitoriedade da Lei

O Senhor Jesus cumpriu toda a lei, os preceitos morais, cerimoniais e civis: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido" (Mateus 5:17-18). A lei durará enquanto durar o universo, mas Jesus a cumpriu para efetuar uma mudança: "Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei" (Hebreus 7:12).

A função da lei era transitória; ela foi dada por causa do pecado, até a vinda do Messias, e serviu para nos conduzir a Cristo: "Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de lei" (Gálatas 3:25). Nesse sentido, todo o sistema mosaico foi abolido; no entanto, a verdade moral contida na lei foi resgatada sob a graça e a ela adaptada.

Os Dez Mandamentos: o Decálogo e sua Estrutura

Os Dez Mandamentos são preceitos dados por Deus a Moisés para orientar a vida do povo de Israel. São chamados também de "Decálogo": oito proibições e duas ordens que, em hebraico, recebem a denominação de "as dez palavras". A sua fórmula introdutória é única: "Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:" (Êxodo 20:1). O termo aparece três vezes na Bíblia, traduzido por "dez mandamentos": "escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos" (Êxodo 34:28); "Então vos anunciou ele a sua aliança que vos ordenou cumprir, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra" (Deuteronômio 4:13).

As dez palavras estão esboçadas em dois lugares das Escrituras: Êxodo 20.1-17 e Deuteronômio 5.6-21. Foram escritas em duas tábuas de pedra pelo próprio Deus. Os três primeiros mandamentos dizem respeito ao nosso relacionamento com Deus; o quarto, o sábado, tem duplo propósito, social e espiritual; os outros seis dizem respeito ao nosso relacionamento com o próximo. Toda a estrutura resume-se no amor a Deus e ao próximo.

Os Três Primeiros Mandamentos: o Relacionamento com Deus

O primeiro mandamento, "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3), é mais que uma apologia ao monoteísmo: trata-se da soberania de um Deus que remiu Israel da escravidão do Egito. Seu pensamento principal abrange a singularidade e a exclusividade de Deus, aplicado a nós, pois Deus tem o primeiro lugar em nossa vida: "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele

servirás" (Mateus 4:10). O segundo mandamento, "Não farás para ti imagem de escultura", ensina a adorar a Deus diretamente, sem mediação de nenhum objeto, porque "Deus é Espírito" (João 4:24). Repudiamos toda forma de idolatria.

O terceiro mandamento, "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êxodo 20:7), significa não usar o nome de Deus de forma superficial, em conversas triviais, nem faltar com a verdade em seu nome, como ao pronunciar um juramento falso ou fazer um voto e não o cumprir.

O Sábado e o Quinto Mandamento

A guarda do sábado é o único preceito do Decálogo não repetido no Novo Testamento para ser observado pelo cristão: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados" (Colossenses 2:16). Para nós, o dia do culto é o domingo, "dia do Senhor", no qual Jesus ressuscitou. O primeiro culto cristão aconteceu nesse dia: "Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco" (João 20:19). Por isso, estamos desobrigados do quarto mandamento, adorando a Deus "no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão" (Atos 20:7).

O quinto mandamento inicia a segunda parte do Decálogo: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" (Êxodo 20:12). Honrar pai e mãe vai além da simples obediência; implica amar e respeitar de forma elevada, com espírito de consideração e submissão. O próprio Jesus confirmou: "Porque Deus ordenou, dizendo: Honra a teu pai e a tua mãe" (Mateus 15:4); e Ele mesmo era sujeito aos seus pais: "E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito" (Lucas 2:51).

Os Mandamentos de Duas Palavras: Sexto ao Oitavo

O sexto mandamento, "Não matarás", significa "não assassinar". Por ele, Deus protege a vida, bem pessoal e inalienável, cuja preservação é responsabilidade de todos. O sétimo, "Não adulterarás", condena o adultério e a impureza sexual, protegendo a família e o compromisso de fidelidade entre marido e mulher. O Senhor Jesus aprofundou esse mandamento no Sermão do Monte: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mateus 5:27-28).

O oitavo mandamento, "Não furtarás", protege a propriedade e abrange tanto o furto como outras práticas fraudulentas, sobre as quais vigiamos para não cair nas ciladas do Diabo. Refere-se a qualquer negócio com vantagem ilícita que deixe o outro em prejuízo. A ele se vincula o trabalho como recurso digno para o sustento da família.

Os Dois Últimos Mandamentos e o Resumo no Amor

O nono mandamento, "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Êxodo 20:16), proíbe a mentira, o mexerico e o testemunho falso, tanto no dia a dia como nos tribunais, protegendo a honra e a boa reputação. O décimo, "Não cobiçarás a casa do teu próximo" (Êxodo 20:17), encerra o Decálogo, pois a cobiça é a raiz da qual surge todo pecado contra o próximo, tanto em pensamento como na prática.

Todo o Decálogo, e todo o sistema mosaico, é resumido nos dois grandes mandamentos: "E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mateus 22:37-40). O Decálogo, portanto, não é a totalidade da Lei, e sim parte dela, e o seu cumprimento se alcança no amor.

Conclusão

Este artigo demonstrou, à luz da Bíblia e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que: (1) a Lei de Moisés é de origem divina, santa, justa, boa e espiritual; (2) ela se divide didaticamente em preceitos morais, cerimoniais e civis, sendo uma única lei; (3) a sua função não é salvar, mas revelar o pecado e conduzir a Cristo; (4) o crente não está debaixo da lei, mas debaixo da graça, guiado pelo Espírito Santo; (5) a lei é transitória, pois foi cumprida em Cristo; (6) os Dez Mandamentos, o Decálogo, orientam a relação com Deus e com o próximo; e (7) todo o Decálogo se resume no amor a Deus e ao próximo.

A Lei, portanto, não foi destruída por Cristo, mas cumprida; e a sua verdade moral permanece, agora gravada não em tábuas de pedra, mas pelo Espírito no coração do crente. Que vivamos, pela graça, a justiça que a lei apontava, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, para a glória dAquele que é o fim da lei, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.
- BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Êxodo 20; 34.
- BÍBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Deuteronômio 4; 5.
- BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Mateus 4; 5; 15; 22.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Lucas 2.
- BÍBLIA. N. T. João. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. João 1; 4; 20.
- BÍBLIA. N. T. Atos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Atos 20.
- BÍBLIA. N. T. Romanos. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Romanos 3; 6; 7; 10.

- BÍBLIA. N. T. Gálatas. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Gálatas 2; 3; 5.
- BÍBLIA. N. T. Colossenses. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Colossenses 2.
- BÍBLIA. N. T. Hebreus. In: BÍBLIA. Almeida Corrigida Fiel. 2007. Hebreus 7.
- DECLARAÇÃO DE FÉ das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Capítulos XVII e XVIII: Sobre a Lei e Sobre os Dez Mandamentos.